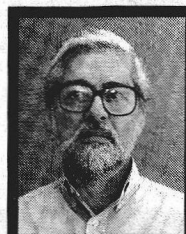


# CARTA AO LEITOR

negreiros@correioweb.com.br



POR  
JOSÉ  
NEGREIROS

## Autocrítica neoliberal

**S**emana pior do que a passada só a que precedeu a maxidesvalorização do real, em janeiro de 1999, pouco depois do início do segundo mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Sem crédito junto aos bancos internacionais, o Brasil voltou a pedir socorro ao FMI, com o dólar a quase R\$ 4. Dramática crise econômica às vésperas da eleição para presidente, numa situação próxima da moratória de 1987 e do calote de 1982, os dois piores momentos da economia brasileira no final do século passado.

Diante dela, o presidente Fernando Henrique Cardoso, um político frio, que em quase oito anos de governo jamais perdeu a serenidade, reagiu com impaciência: "O Brasil já apertou tanto as contas que não sabe mais onde apertar para se ajustar a um mundo que enlouqueceu", desabafou.

Ele aproveitou o encerramento da Conferência de Chefes de Estado da

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) para rever seu discurso antes tolerante com a globalização.

Como está, a globalização só provoca uma sensação de desilusão ou revolta, sentimentos que na opinião do presidente não ajudam a construir uma ordem democrática em nível mundial.

"A hecatombe, a imprevisibilidade e a mudança brusca, a falta de qualquer racionalidade e a incerteza, do dia para a noite, podem levar países sólidos a enfrentar problemas difíceis", queixou-se.

Há uma semana, no Equador, Fernando Henrique reclamou do mercado em tom de arrependimento, como se dissesse: fizemos tudo o que nos pediram e não adiantou.

O mercado discorda.

Acha que faltou fazer muita coisa, principalmente a reforma tributária e a independência do Banco Central. Preocupado em eleger o sucessor, também na política teria errado na escolha do parceiro político — o PMDB, interessado em verbas públicas, em vez do PFL, mais profissional e ideológico, que sempre visou o poder.

Para os tucanos mais identificados com as origens do partido, os erros seriam ainda mais graves por traírem a ética desenvolvimentista. As mortes

de Sérgio Motta e de Luiz Eduardo Magalhães, a derrota do projeto de Paulo Renato de Souza (que também aspirava a Presidência) e a perda dos irmãos Mendonça (Luiz Carlos e José Roberto) e de André Lara Rezende deixaram o presidente sem aqueles operadores que sabiam fazer algo mais do que controlar a inflação.

Cumpriam a tarefa de ligar expectativas da população e projetos de governo no Congresso, combinar estabilidade econômica e crescimento, a lógica do segundo mandato, conseguido com a promessa do emprego que faltou no primeiro.

Fernando Henrique acabou refém do programa de ajuste do ministro da Fazenda, Pedro Malan, e *este* nem a simpatia do Tesouro americano lhe rendeu, basta ver a retórica abusada de Paul O'Neill, o americano defensor da política linha dura com a qual a família Bush voltou à Casa Branca.

Com isso, o máximo que conseguiremos é uma queda da produção de meio ponto de percentagem no segundo semestre deste ano e com isso a volta da recessão no ano que vem, quando o novo presidente tomar posse.

Incompreensível política ruinosa, executada por um cientista social que domina com facilidade o jogo político,

tanto em nível de superestrutura de poder quanto na troca de favores parlamentares.

Suas consequências, visíveis nos painéis dos mercados na se-

mana passada, alimentam a ambição de mudança detectada pelas pesquisas eleitorais em quase todas as faixas da sociedade.

Nem o voto, porém, parece arma capaz de se contrapor à força de meia dúzia de especuladores que, ao consumarem um ataque financeiro, não quebram apenas um país, cuja saúde da economia real é atestada pela imprensa defensora do neoliberalismo.

Quebram a população, os indivíduos, as forças produtoras, incrível flagelo desse novo tipo de guerra moderna pela preferência de capitais que só têm um interesse — a multiplicação.

E o pior, segundo a autocrítica de Fernando Henrique, é que a despeito de o Brasil cumprir a cartilha, os mercados desconfiam e atuam por antecipação. Não há como enfrentar tais pressões que destroem em pouco tempo — uma semana — o que foi construído em anos.